

## FICHA TÉCNICA

Título original: *I'll Give You the Sun*

Autora: *Jandy Nelson*

Copyright © 2014 by Jandy Nelson

Edição original publicada por Dial Books for Young Readers, USA

Edição portuguesa publicada por acordo com Pippin Properties, Inc.,  
através da agência Rights People, Londres

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Jorge Freire*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2015

Depósito legal n.º 395 001/15

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# O MUSEU INVISÍVEL

Noah  
13 anos

Começa assim.

Com o Zephyr e o Fry, os maiores sociopatas do bairro, a correr furiosamente atrás de mim e o chão da floresta a tremer sob os meus pés, e comigo a rasgar o ar e a passar por entre as árvores, neste pânico cego.

— Vou atirar-te lá para baixo, maricas! — grita o Fry.

E o Zephyr agarra-me, prende-me um e depois os dois braços atrás das costas, e o Fry tira-me o caderno de desenho. Tento tirá-lo, mas não consigo mexer os braços; estou indefeso. Contorço-me para libertar os braços e afastar-me do Zephyr. Não consigo. Tento transformá-los em traças com a mente. Não resulta. Continuam iguais: gigantes de cinco metros, caras de cu que andam no décimo ano e atiram pessoas de treze anos, vivas, como eu, de penhascos, só para se divertirem.

O Zephyr prende-me o pescoço com o antebraço e o seu peito enorme sobe e desce contra as minhas costas, as minhas costas contra o seu peito. Nadamos em suor. O Fry folheia o caderno.

— O que é que andas a desenhar, Bolha?

Imagino-o a ser atropelado por um camião. O cara de cu mostra-me uma página de esboços.

— Zeph, olha para estes gajos nus.

O sangue para de me correr pelas veias.

— Não são «gajos». É *David* — consigo dizer a custo.

Rezando para que a voz não pareça a de um gerbo, rezando para que ele não continue a folhear o caderno e não veja os esboços que fiz hoje, quando estava escondido a espiá-los, os desenhos *deles*, saindo da água com as pranchas de *surf* debaixo do braço, sem fatos, sem nada, molhados e reluzentes e, hum... de mãos dadas. É uma representação subjetiva. Vão pensar que... Vão matar-me antes sequer de me matarem a mim, é o que é. O mundo começa a rodopiar.

— Sabes, de Miguel Ângelo — acrescento rapidamente. — Já ouviste falar dele, Fry?

Não vou agir como costume. «Porta-te como um duro e és duro», costuma dizer-me o meu pai, vezes sem conta... como se eu fosse um guarda-chuva partido.

— Sim, claro — responde o Fry, mexendo os lábios grossos que condizem com a sua cara bochechuda, sob uma testa enorme; não era difícil confundi-lo com um hipopótamo. Rasgando a página do caderno, acrescenta: — Ouvi dizer que era *gay*.

E *era*; a minha mãe escreveu um livro sobre isso, mas duvido que o Fry o tenha lido. Ele chama *gay* a toda a gente, quando não lhes chama bicha e maricas. A mim chama-me maricas, bicha e Bolha.

O Zephyr solta uma gargalhada negra e demoníaca. Sinto a gargalhada a vibrar-me pelo corpo.

O Fry mostra-nos o esboço seguinte. Outro de *David*. A parte de baixo. Um estudo detalhado. Não consigo sequer mexer-me.

Riem-se ambos. As gargalhadas deles ecoam pela floresta. Saem dos pássaros.

Tento novamente libertar-me do antebraço do Zephyr, para tirar o caderno ao Fry, mas o Zephyr aperta-me com mais força quando me mexo. O Zephyr, que parece o raio do Thor. Tem um dos braços em volta do meu pescoço, sufocando-me, e outro em redor do meu torso, como um cinto de segurança.

Está de tronco nu, recém-chegado da praia, e sinto o calor do seu corpo através da *T-shirt*. O protetor solar que usa cheira a coco e o odor entra-me pelo nariz, pela cabeça... o cheiro forte a mar tam-

bém, como se trouxesse o mar às costas... O Zephyr arrastando a maré como cobertor... É... é *isso* (RETRATO: *O Rapaz Que Levou o Mar*)... mas agora não, Noah, é a *pior* altura para pintar este cretino com a mente. Volto ao mundo real, sinto o sal nos lábios, lembro-me de que estou prestes a morrer...

O cabelo do Zephyr parece algas e pinga no meu pescoço e ombros. Reparo que respiramos em sincronia; pesada e arrastadamente. Tento mudar o ritmo da respiração, dessincronizá-la. Dessincronizar-me da lei da gravidade e flutuar. Não consigo. Não consigo fazer nada. O vento leva pedaços dos meus desenhos, a maioria retratos da minha família, das mãos do Fry, que os rasga um a seguir ao outro. Rasga a meio um desenho onde estou eu e a Jude, retira a parte em que estou eu.

Vejo-me a explodir.

Vejo-o a folhear e a chegar aos desenhos que me vão matar.

O coração bate-me nos ouvidos.

Até que o Zephyr diz:

— Não os rasgues, Fry. A irmã dele disse-me que ele desenha bem.

Será que ele disse isto por gostar da Jude? Gostam quase todos; porque ela surfa melhor do que eles, gosta de saltar dos penhascos e não tem medo de nada, nem sequer dos tubarões-brancos, ou do nosso pai. E por causa do cabelo dela (usei os lápis amarelos todos, para o pintar). O cabelo dela tem centenas de quilómetros e toda a gente no Norte da Califórnia tem de ter cuidado para não se emaranhar, principalmente as crianças e os *caniches*, e agora os surfistas caras de cu.

E, claro, por causa do peito dela, que lhe apareceu de um dia para o outro, juro.

Por incrível que pareça, o Fry faz o que o Zephyr pede e deixa o caderno cair.

A Jude olha para mim a partir do desenho no papel, luminosa, sábia. *Obrigado*, agradeço mentalmente. Está sempre a salvar-me, o que normalmente me envergonha, mas não desta vez. Desta vez foi excelente.

(RETRATO, AUTORRETRATO: *Gêmeos: Noah a Olhar para o Espelho, Jude a Olhar do Espelho*)

— Sabes o que é que te vamos fazer, não sabes? — sussurra o Zephyr asperamente ao meu ouvido, voltando ao seu ar habitual de homicida. Há demasiado dele perto de mim.

— Vá lá, por favor — imploro.

— Vá lá, por favor — troça o Fry, numa voz esganiçada e feminina.

Sinto uma pedra no estômago.

O Penhasco do Diabo, o segundo salto mais alto da colina, não tem esse nome ao acaso. Lá em baixo, há rochedos aguçados e um remoinho medonho que nos puxa o esqueleto para o submundo.

Tento libertar-me dos braços do Zephyr. E tento outra vez.

— Agarra-lhe as pernas, Fry!

O Fry, que pesa quase tanto como um hipopótamo, atira-se aos meus calcanhares. Isto não pode estar a acontecer. Não pode mesmo. Detesto o mar, propenso como sou a afogar-me e a flutuar até à Ásia. Tenho de manter o crânio intacto. Esmagá-lo seria como demolir um museu secreto, antes de alguém poder sequer visitá-lo.

Por isso, cresço. E cresço, e cresço até dar uma cabeçada no céu. Depois, conto até três e fico furioso, agradecendo mentalmente ao meu pai por me ter obrigado a praticar luta greco-romana no pátio, combatendo até à morte, combatendo contra ele, que só podia usar um braço e eu podia usar tudo, e onde ele conseguia sempre prender-me, por ter dez metros de altura e ser feito de peças de camião.

Mas sou filho dele, um filho *colossal*. Um filho rodopiante; um Golias demolidor, um tufão humano, e contorço-me e esperneio tentando libertar-me, e eles empurram-me, prendendo-me e dizendo coisas como:

— Que filho da mãe doido!

E acho que há respeito na voz do Zephyr quando diz:

— Não consigo prendê-lo; parece uma enguia a contorcer-se para se esgueirar.

O que me faz redobrar o esforço: adoro enguias, são *elétricas*... Imagino ser um fio elétrico cheio de corrente interior, enquanto me contorço e mexo, sentindo o Fry e o Zephyr a mexerem-se à minha volta, os seus corpos quentes e suados, ambos a prenderem-me e eu a libertar-me sempre, com os braços e as pernas enovelados e a cabeça

do Zephyr a pressionar-me o peito e o Fry atrás de mim com cem mãos, e há movimento e confusão e estou perdido no caos, perdido, perdido, perdido, quando desconfio... quando me apercebo de que... estou com tesão, com um tesão sobrenaturalmente duro e encostado ao estômago do Zephyr.

Um terror elétrico atravessa-me o corpo. Tento imaginar o massacre mais sangrento e nojento de sempre, a melhor maneira de destruir um tesão, mas é demasiado tarde. O Zephyr para por momentos, e salta, afastando-se de mim.

— Que...

O Fry afasta-se e ajoelha-se no chão.

— O que foi? — pergunta ofegantemente.

Contorço-me e atiro-me para longe, aterrando sentado no chão e encostando os joelhos ao peito.

Não posso levantar-me, para não mostrar o volume, por isso esforço-me por não chorar. Tenho uma sensação de furão a entranhar-se e percorrer todo o meu corpo e respiro ofegantemente. Mesmo que não me matem aqui e agora, não passa desta noite sem que toda a gente que vive na colina saiba o que aconteceu. Mais vale engolir um cartucho aceso de dinamite e saltar do Penhasco do Diabo. É pior, muito pior, do que terem visto a porcaria dos desenhos.

(AUTORRETRATO: *Funeral na Floresta*)

Porém, o Zephyr está calado; está parado, alto e louro e parecido com um viquingue, mas mudo e com um ar estranho. Porquê?

Será que o neutralizei com o poder da mente?

Não. O Zephyr aponta para o mar e diz ao Fry:

— Estou farto disto. Vamos pegar nas pranchas e bazar.

Respiro fundo, aliviado. Será que ele não sentiu? Não, não é isso... estava dura como aço e ele passou-se e saltou para longe. Ainda não recuperou. Porque não me está a chamar maricásbicha-Bolha? É por gostar da Jude?

— Meu, alguém perdeu os parafusos, hoje — diz o Fry ao Zephyr, rodando o indicador em frente ao ouvido. — Quando menos esperares, Bolha — ameaça ele, dirigindo-se a mim e, fingindo que a mão é o meu corpo, caindo do Penhasco do Diabo.

Acabou. Voltam para a praia.

Antes que os neandertais mudem de ideias, apresso-me a pegar no caderno, seguro-o debaixo do braço e, sem sequer olhar para trás, caminho rapidamente em direção às árvores como alguém cujo coração não está a tremer, cujas lágrimas não ameaçam cair, alguém que não se sente tão indefeso como um recém-nascido.

Quando me afasto o suficiente, irrompo da pele como uma chita; as chitas vão do zero aos cento e vinte em três segundos e eu quase que consigo correr tão depressa. Sou o quarto mais rápido do sétimo ano. Consigo abrir o ar e enfiar-me nele, e é o que faço, até me ter afastado deles e do que aconteceu. Pelo menos não sou uma efemérida. As efeméridas machos têm duas pilas. Já passo metade da vida no duche por causa da minha, e só tenho uma, a pensar em coisas nas quais não consigo evitar, por muito que me esforce, porque gosto mesmo, mesmo, *mesmo* de pensar nelas. Se gosto.

Chego ao riacho e salto de rochedo em rochedo até encontrar uma gruta onde posso ver o Sol a nadar na água que corre rapidamente, e passar lá os próximos cem anos. Devia haver uma trombeta ou um gongo ou algo do género para acordar Deus. Porque gostava de ter uma conversinha com ele. Umhas palavras breves:

— MERDA, QUE RAIOS SE PASSA?

Algum tempo depois, para não variar, Deus não me responde, tiro os pedaços de carvão do bolso de trás. Estão intactos, tendo milagrosamente sobrevivido à sessão de tortura. Sento-me e abro o caderno de desenho. Pinto completamente uma página de preto; outra, e outra. Carrego tanto no carvão que parto pedaço atrás de pedaço, e uso-os até ao coto, parecendo que a escuridão me sai dos dedos, de mim, e preenche a página. Pinto todas as folhas. Demoro horas.

(SÉRIE: *Rapaz dentro de Uma Caixa de Escuridão*)

Na noite seguinte, ao jantar, a minha mãe anuncia que a avó Sweetwine juntou-se a ela, à tarde, para uma voltinha de carro, com uma mensagem para a Jude e para mim.

A questão é que a avó já morreu.

— Finalmente! — exclama a Jude, encostando-se à cadeira.  
— Ela prometeu-me!

Pouco antes de morrer durante o sono, três meses antes, a avó prometera à Jude que, se ela precisasse mesmo da sua ajuda, apareceria num abrir e fechar de olhos. A Jude era a preferida dela.

A mãe olha para a Jude, sorri e pousa as mãos na mesa. Faço o mesmo, até me aperceber de que estou a imitar a mãe e escondo as mãos no colo. A mãe é contagiosa.

E veio de outro planeta: há pessoas que não são de cá e a mãe é uma delas. Ando a recolher provas há anos. Depois explico.

Mas agora o rosto anima-se e brilha, enquanto ela prepara a cena, explicando-nos que a primeira coisa a aparecer foi o perfume da avó.

— Lembram-se de como sentíamos o perfume dela antes sequer de a vermos? — pergunta, inspirando dramaticamente.

A cozinha enche-se do perfume floral e forte da avó. Inspiro dramaticamente. A Jude inspira dramaticamente. Toda a gente na Califórnia, nos Estados Unidos, na Terra, inspira dramaticamente.

Exceto o pai. O pai pigarreia para chamar a atenção.

Não parece estar convencido. Porque é uma alcachofra. Era o que a sua própria mãe, a avó Sweetwine, dizia; ela não entendia como tinha dado à luz e criado este cabeça de vento. E eu também não.

Um cabeça de vento que estuda parasitas... Sem comentários.

Está diante de mim, bronzeado e musculado como um nadador-salvador, com dentes que brilham no escuro, com a normalidade que brilha no escuro, e sinto um amargo na boca... O que aconteceria se descobrisse?

O Zephyr ainda não disse nada. Provavelmente não sabem (sou a única pessoa no mundo que sabe), mas *dork*, além de significar anormal, é o nome científico da pila da baleia. E as pilas das baleias-azuis? Têm dois metros e meio. Repito: DOIS METROS E MEEEEEEEEIO! É assim que me sinto desde o que aconteceu ontem:

(AUTORRETRATO: *Dork de Cimento*)

Pois.

Mas às vezes acho que o pai desconfia. Às vezes acho que o robô desconfia.

A Jude empurra-me levemente a perna com o pé, debaixo da mesa, para me chamar a atenção, pois estava a fitar o saleiro.

Quando olho para ela, aponta para a mãe com um gesto da cabeça; a mãe tem os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o coração. Depois aponta para o pai, que olha para a mãe como se as suas sobranceiras tivessem rastejado para o queixo. Arregalamos ambos os olhos, fitando-nos. Mordo a bochecha para não me rir. A Jude também... Temos os dois este botão que nos impede de rir. Encostamos os pés debaixo da mesa.

(RETRATO DE FAMÍLIA: *A Mãe Comunica com os Mortos ao Jantar*)

— E então — insiste a Jude —, o que é que ela disse?

A mãe abre os olhos, pisca-nos o olho e volta a fechá-los, dizendo numa voz fantasmagórica de sessão espírita:

— Inspirei o ar perfumado e vi algo a brilhar.. — continua ela, rodando os braços como lenços e aproveitando a nossa atenção ao máximo.

É por isto que recebe tantas vezes o prémio de professor do ano... todos querem participar no filme dela. Inclina-mos para ouvir o que ela está prestes a dizer, para ouvir a Mensagem do Céu, mas o pai interrompe-a, tornando a situação incrivelmente chata.

O *pai* nunca foi considerado professor do ano. *Nunca*. Sem comentários.

— É importante explicar-lhes que estás a falar metaforicamente, querida — diz ele, endireitando-se na cadeira e furando o teto com a cabeça.

Na maioria dos meus desenhos, ele é tão grande que não cabe na página, por isso desenho-o sem cabeça.

A mãe revira os olhos e a sua expressão torna-se séria.

— Mas não estou a falar metaforicamente, Benjamin.

O pai fazia os olhos da mãe brilhar; agora fá-la ranger os dentes. Não sei o que mudou.

— O que quero dizer, literalmente — diz/range ela —, é que vi a inimitável avó Sweetwine, que está mortinha da silva, sentada no carro ao meu lado, com estes dois olhos — continua ela, sorrindo depois para a Jude. — Até usava um dos Vestidos Flutuantes e estava *espetacular*.

Os Vestidos Flutuantes eram a coleção de moda da avó.

— Oh! Qual? O azul? — pergunta a Jude com tanto entusiasmo que sinto um aperto no peito.

— Não, era o das florezinhas cor de laranja.

— Claro — responde a Jude. — É perfeito para um fantasma. Nós conversámos sobre que roupa usaria no além.

Ocorre-me que a mãe inventou esta história por a Jude sentir muito a falta da avó.

Quando a avó estava acamada, a Jude mal saía do quarto dela. Quando a mãe as encontrou naquela manhã, uma a dormir, a outra morta, estavam de mãos dadas. Achei a situação arrepiante, mas não disse a ninguém.

— E então... — retoma a Jude, levantando o sobrolho. — O que é que ela disse?

— Sabes uma coisa, amor? — pergunta o pai, enfiando-se na conversa como o Lobo Mau das histórias. Nunca saberemos o que raio a avó disse, a este ritmo. — Adorava que pudéssemos declarar o fim do Reinado do Ridículo — conclui ele.

Não é a primeira vez que o diz. O Reinado a que se refere começou quando a avó veio viver connosco. O pai, que é um «cientista», aconselhou-nos a desconfiar das tretas supersticiosas que a sua mãe dizia. A avó aconselhou-nos a não ligar ao que a alcachofra do filho dizia.

Depois, pegou na «bíblia», um livro enorme com capa de couro e cheio de ideias tresloucadas (ou «tretas»), e começou a pregar. Principalmente à Jude.

O pai levanta a fatia de piza do prato. O queijo escorre pelas bordas. Olha para mim.

— E então, Noah? Ainda bem que não temos de comer um dos estufados milagrosos da avó...

Não respondo. Desculpa, Charlie. *Adoro* piza, adoro: mesmo quando estou a comer piza, penso que quero comer piza, mas não concordava com o pai nem que o Miguel Ângelo concordasse. Não nos damos bem, apesar de ele se esquecer. Nunca me esqueço. Quando o vozeirão dele ecoa pela casa e me convida a ver o jogo dos 49ers ou um filme cheio de explosões ou a ouvir *jazz* que me faz sentir como se estivesse do avesso, abro a janela do quarto, salto e fujo para o bosque.

Às vezes, quando não está ninguém em casa, vou ao escritório dele e parto-lhe os lápis. Uma vez, depois de um sermão particularmente lambe-retretes sobre o «Noah o Guarda-Chuva Partido» em que ele se riu e disse que, se a Jude não fosse minha irmã gémea, teria a certeza de que eu nascera por partenogénese (fui ver ao dicionário: reprodução sem pai), fui à garagem às escondidas enquanto todos dormiam e risquei-lhe o carro.

Como às vezes consigo ver a alma das pessoas quando as desenho, sei o seguinte: a alma da mãe é um girassol enorme tão grande que quase não tem espaço no corpo para os órgãos. Eu e a Jude partilhamos a alma: é uma árvore com as folhas em chamas. A alma do pai é um prato com larvas.

— Achas que a avó não te ouviu a dizer mal da comida dela? — pergunta a Jude ao pai.

— Acho, definitivamente, que não — responde ele, sugando depois a fatia de piza. A gordura reluz-lhe em redor da boca.

A Jude levanta-se. O cabelo dela pende em seu redor como pintantes de luz. Olhando para o teto, declara:

— Avó, *eu* adorava a tua comida.

— Eu também, Cassandra — diz a mãe, estendendo o braço e apertando carinhosamente a mão da Jude.

A Jude sorri de dentro para fora.

O pai imita uma pistola com os dedos e finge alvejar-se na cabeça.

A mãe franze o sobrolho, o que a faz parecer ter cem anos.

— Aceita o mistério, professor — declara ela.

Di-lo muitas vezes ao pai, mas costumava usar outro tom de voz. Costumava dizer-lho como se lhe tivesse aberto uma porta e o convidasse a entrar, e não como se lha tivesse fechado na cara.

— Casei com o mistério, professora — responde ele, como sempre, mas costumava dizê-lo como se a elogiasse.

Comemos piza. O ambiente é pesado. Os pensamentos da mãe e do pai escurecem o ar. Ouço-me a mastigar e sinto o pé da Jude a tocar no meu, sob a mesa. Encosto levemente o pé ao dela.

— O que é que a avó disse? — pergunta a Jude, sorrindo com esperança, rasgando a tensão com a voz.

O pai olha para ela e a sua expressão muda, ficando mais terna. A Jude também é a preferida dele. A mãe não tem um filho preferido, o que significa que o lugar está vago...

— Como dizia — continua a mãe na sua voz normal e rouca, como se uma caverna falasse connosco. — Esta tarde quando passei pela EBAC, a escola de belas-artes, a avó apareceu sem aviso para me dizer que a escola é perfeita para vocês — concluiu ela, acenando afirmativamente, alegrando-se e voltando a ter a sua idade verdadeira. — E é mesmo. Lembrei-me logo daquela citação de Picasso: «Todas as crianças são artistas. O problema é continuarem a ser artistas quando crescem» — diz ela com o ar louco que costuma ter quando vamos a museus; como se estivesse prestes a roubar as obras de arte. — Mas isto. Isto é uma oportunidade única, filhos. Não quero que o vosso espírito esmoreça e se acinzentado como... — hesita ela. Passa então a mão pelo cabelo preto e selvagem, como o meu, e dirige-se ao pai. — Quero mesmo que eles vão, Benjamin. Sei que é uma escola cara, mas que oportuna...

— É só isso? — interrompe-a a Jude. — A avó só disse isso? Foi essa a mensagem que enviou do além? Sobre uma *escola*? — pergunta, parecendo estar prestes a chorar.

Mas eu não. Uma escola de belas-artes? Nunca pensei que tal fosse possível; sempre pensei que ia para a Roosevelt, a escola dos caras de cu, como toda a gente.

Tenho quase a certeza de que o meu sangue começou a brilhar dentro de mim.

(AUTORRETRATO: *Uma Janela Escancarada-se-me no Peito*)

A mãe está outra vez com ar de louca.

— Não é uma escola qualquer, Jude. É uma escola que te vai deixar gritar do telhado todos os dias, durante quatro anos. Não queres gritar dos telhados?

— Gritar o quê? — pergunta a Jude.

O pai solta uma risada seca.

— Não sei, Di... — diz ele. — É tão especializada. Não te esqueças de que para nós a arte é só arte, não é uma religião — explica. A mãe pega numa faca, espeta-lha nas tripas e roda-a. O pai conti-

nua a falar e não repara. — De qualquer maneira, estão no sétimo ano. Falta muito tempo para mudarem de escola.

— Quero ir! — expludo. — Não quero ter o espírito esmorecido e cinzento!

Apercebo-me de que são as primeiras palavras que digo em voz alta durante a refeição. A mãe ri-se, alegre, olhando para mim. O pai não vai conseguir convencê-la. Naquela escola, não há troglossur-fistas; tenho a certeza absoluta. Provavelmente só há alunos cujo sangue brilha. Só há revolucionários.

— Precisam de um ano para se preparar — responde a mãe. — É uma das melhores escolas de belas-artes do país, e tem um excelente currículo acadêmico, o que é ótimo. E é ao virar da esquina! — exclama. O entusiasmo dela entusiasma-me mais. Sinto vontade de esbracejar. — É difícilimo entrar. Mas vocês têm talento. Talento natural e já sabem tanto... — continua ela, olhando para nós e sorrindo com tanto orgulho que o Sol parece nascer do outro lado da mesa. É verdade. As outras crianças recebiam livros para pintar como presentes. Nós recebíamos livros de arte. — Este fim de semana, começamos a visitar museus e galerias. Vai ser ótimo. Que tal um concurso para ver quem desenha melhor?

A Jude vomita um líquido azul-fluorescente, mas só eu reparo. Ela desenha bem, mas não é a mesma coisa. Para mim, a escola só deixou de ser oito horas de tortura quando me apercebi de que os outros queriam que os desenhasse mais do que queriam conversar comigo ou encher-me de porrada. Ninguém quer bater à Jude. Ela é incrível e engraçada e normal... Não é revolucionária... E conversa com toda a gente. Eu falo sozinho. E com a Jude, claro, mas quase sempre silenciosamente por ser assim que conversamos. E com a mãe, por ela ter vindo de outro planeta. (Eis as provas, rapidamente: ainda não atravessou uma parede ou fez uma casa voar com a mente ou parou o tempo, nem nada fora do comum, mas fez certas *coisas*. Por exemplo, certa manhã, há pouco tempo, estava no pátio a beber chá, como de costume, e quando me aproximei vi que estava a flutuar. Pelo menos foi o que me pareceu. E a prova definitiva: não tem pais. Apareceu por magia. Foi deixada numa igreja no Reno, no Nevada, quando era bebé. Tipo, OK. Deixada

por *extraterrestres*.) Ah, e também converso com o *Rascal*, na casa ao lado, que, para todos os efeitos, é um cavalo, mas também conta.

Daí chamarem-me Bolha.

Para ser sincero, sinto-me quase sempre como um refém.

O pai apoia os cotovelos na mesa.

— Dianna, pensa bem. Acho que estás a projetar. Os teus sonhos ainda...

A mãe não o deixa continuar. Range os dentes furiosamente. Parece estar a conter um dicionário cheio de palavrões ou uma guerra nuclear.

— NoaheJude, vão comer para a sala. Tenho de ter uma conversa com o vosso pai.

Não nos mexemos.

— NoaheJude, já.

— Jude, Noah — pede o pai.

Pego no prato e colo-me à Jude, tentando sair da cozinha. Ela estende-me a mão e dou-lhe a minha. Reparo que o vestido que usa é colorido como um peixe-palhaço. A avó ensinou-lhe a costurar. Oh! Ouço pela janela aberta o *Profeta* a falar; é o papagaio novo do vizinho.

— Onde raio está o Ralph? — palra ele. — Onde raio está o Ralph?

É a única frase que diz, mas repete-a o dia todo. Ninguém sabe quem é o Ralph, muito menos onde está.

— Raios partam o raio do papagaio! — grita o pai tão alto que nos sopra o cabelo para trás.

— Não leves a mal, está zangado — digo mentalmente ao *Profeta*, apercebendo-me de que o disse também em voz alta.

Às vezes as palavras saem-me da boca como sapos verrugosos. Tento explicar ao pai que estava a falar com o papagaio, mas não o faço porque sei que não entenderá, e da boca sai-me algo esquisito e parecido com um balido, o que faz com que todos menos a Jude olhem para mim, com um ar perplexo.

Sáímos rapidamente da cozinha. Sentamo-nos, instantes depois, no sofá. Não ligamos a televisão, para ouvirmos a conversa dos pais, mas sussurram zangadamente, o que torna o que dizem impossível

de decifrar. Quando acabamos de comer a minha fatia de piza, que partilhamos dando dentadas à vez, por a Jude se ter esquecido do prato, ela diz:

— Pensava que a avó nos ia enviar uma mensagem incrível. Tipo, a dizer que o céu tem mar, sabes?

Encosto-me para trás, sentindo-me aliviado por estar sozinho com a Jude. Nunca me sinto como um refém quando estou sozinho com ela.

— De certeza que tem mar, mas é roxo, e a areia é azul e o céu é completamente verde.

A Jude sorri, pensa por segundos e responde:

— E quando estamos cansados, aninhamo-nos na nossa flor e adormecemos. Durante o dia, toda a gente fala com cores, em vez de sons. É um silêncio... — diz, fechando depois os olhos e retomando a frase, falando lentamente. — Quando as pessoas se apaixonam, irrompem em chamas.

A Jude adora esta frase; era uma das preferidas da avó. Brincávamos com ela quando éramos pequenos. «Tirem-me daqui!», dizia a avó, ou, às vezes: «Jude, Noah, tirem-me daqui, raios!»

Quando a Jude abre os olhos, a magia desaparece-lhe do rosto. Suspira.

— O que foi? — pergunto.

— Não quero ir para aquela escola. É para extraterrestres.

— Extraterrestres?

— Sim, gente esquisita. Extraterrestres de Belas-Artes da Califórnia, é o que chamam à escola.

Obrigada, avó! O pai tem de ceder. Tenho de entrar. Artistas *freaks*! Estou tão feliz que sinto como estivesse a saltar num trampolim, a saltitar dentro de mim mesmo.

Mas a Jude não. Está triste. Para a alegrar, digo:

— Se calhar, a avó viu as tuas mulheres voadoras e é por isso que quer que vamos para aquela escola.

A Jude tem-nas esculpido em areia molhada, numa enseada não muito longe daqui. São as mesmas esculturas que faz com puré de batata ou com o creme de barbear do pai ou com outra coisa qualquer quando acha que ninguém está a olhar para ela.

Tenho-a visto do topo da falésia a esculpir na areia versões maiores do que as que faz em casa e sei que está a tentar falar com a avó. Sei sempre no que a Jude pensa. É mais difícil para ela saber, por eu ter estores e os fechar quando preciso. Como ultimamente.

(AUTORRETRATO: *O Rapaz Escondido dentro do Rapaz Escondido dentro do Rapaz*)

— Aquilo não é arte. É... — hesita ela. — É por tua causa, Noah. E não me devias seguir quando vou para a praia. E se estivesse aos beijos a alguém?

— Quem? — pergunto. Sou só duas horas, trinta e sete minutos e treze segundos mais novo do que a Jude, mas faz-me sempre sentir como o irmão mais novo. — Quem é que estarias a beijar?

— Conto-te se me contares o que te aconteceu ontem. Sei que aconteceu alguma coisa e foi por isso que hoje não quiseste ir para a escola pelo caminho normal.

Não me quis cruzar com o Zephyr e com o Fry. A escola deles é perto da minha. Nunca mais quero vê-los. A Jude toca-me no braço.

— Se alguém te fez ou disse alguma coisa, diz-me.

Está a tentar entrar-me na mente, por isso tenho de fechar os estores. Zás, fecho-os comigo de um lado e ela do outro. Isto não vai ser como nos outros filmes de terror: quando ela deu um soco ao Michael Stein, que parece um pedregulho vivo, no ano passado durante um jogo de futebol, por me ter chamado atrasado mental só por eu me ter distraído com um formigueiro superfixe. Ou da vez em que fiquei preso na corrente e ela e o pai tiveram de me tirar do mar em frente aos troglósurfistas que estavam na praia. Vai ser diferente. Ter este segredo é como ter carvão em brasa debaixo dos pés, sem poder mexer-me. Levanto-me e afasto-me, para evitar que ela use telepatia... e ouvimos os gritos.

São altos, como se a casa se fosse partir ao meio; como os que temos ouvido ultimamente.

Afundo-me no sofá. A Jude olha para mim. Os olhos dela são do mais claro azul-glaciar. Uso principalmente branco quando os pinto num desenho. Normalmente fazem-me sentir a flutuar e pensar em nuvens fofas e ouvir harpas, mas agora têm um ar completamente assustado. Esquecemo-nos de tudo.

(RETRATO: *A Mãe e o Pai a Chiarem com Chaleiras em vez de Cabeças*)

Quando a Jude fala, a voz dela é trémula, como quando era criança.

— Achas mesmo que é por isso que a avó quer que vamos para aquela escola? Por ter visto as minhas mulheres voadoras?

— Acho — respondo. Mas o que acredito é que a Jude tinha razão quando disse que era por minha causa.

A Jude aproxima-se, para encostarmos os ombros. Somos assim. É a nossa pose: a amalgama. Até estávamos assim na ecografia que tiraram quando estávamos na barriga da mãe; e no desenho que o Fry rasgou ontem. Ao contrário da maioria das pessoas, estamos juntos desde a primeira célula; nascemos juntos. É por isso que poucos reparam que a Jude fala quase sempre pelos dois, que só conseguimos tocar piano quando temos as quatro mãos no teclado e não conseguimos tocar sozinhos, que nunca jogámos ao pedra, papel, tesoura, porque em treze anos fizemos sempre as mesmas escolhas. São sempre: duas pedras, dois papéis, duas tesouras. Quando não nos desenho como estamos, desenho-nos como meias pessoas.

A calma de estar encostado à Jude preenche-me. Ela inspira e eu faço-o também.

Talvez sejamos demasiado crescidos para fazermos estas coisas, mas que se lixe. Vejo-a a sorrir, apesar de olhar em frente. Expiramos juntos, e inspiramos juntos, expiramos, inspiramos, para dentro e para fora, para fora e para dentro, até nem as árvores se lembrarem do que aconteceu no bosque ontem, até as vozes da mãe e do pai deixarem de soar a fúria e soarem a música, até não sermos só da mesma idade, sermos uma pessoa, completa.

Uma semana depois, tudo muda.

É sábado, e a mãe, a Jude e eu viemos à cidade; estamos no café do museu, que fica no telhado deste, porque a mãe ganhou a discussão e vamos ambos candidatar-nos à EBAC para o ano que vem.

A Jude, do outro lado da mesa, conversa com a mãe e, ao mesmo tempo, envia-me silenciosamente ameaças de morte secretas porque acha que os meus desenhos saíram melhores do que os dela e que

estamos a competir. A mãe é o júri. Pronto, sim, se calhar não devia ter tentado corrigir os erros dos desenhos da Jude. Ela pensa que os estava a tentar estragar. Sem comentários.

Revira os olhos sem a mãe ver. É um revirar de 6,3 na escala de Richter. Apetece-me dar-lhe um pontapé debaixo da mesa, mas resisto. O que faço é beber chocolate quente e espiar discretamente um grupo de rapazes mais velhos que está à minha esquerda. Em relação ao acidente da *dork* de dois metros e meio, ainda não houve problemas, a não ser na minha mente.

(AUTORRETRATO: *Rapaz É Despedaçado e Dado a Comer a Um Formigueiro Cheio de Formigas-Lava-Pés*). Talvez o Zephyr não vá mesmo dizer a ninguém.

Os rapazes que estão na mesa ao lado usam todos brincos de borracha largos nas orelhas e *piercings* nas sobrancelhas; brincam animadamente uns com os outros como lontras. Provavelmente estudam na EBAC, o que me faz sentir o corpo todo a vibrar. Um deles tem o rosto redondo como a Lua e olhos azuis grandes como pires e a boca vermelha e carnuda como as que Renoir pintou. *Adoro* bocas assim. Esboço rapidamente a cara dele nas calças com os dedos, debaixo da mesa; ele apanha-me a olhar fixamente, e em vez de ficar zangado e me fitar furiosamente para que me meta na minha vida, pisca-me o olho, lentamente, para não haver engano, voltando depois a olhar para os amigos enquanto eu me liquefaço.

Piscou-me o olho. Como se *soubesse*. Mas não me sinto mal. Nem por sombras. Na verdade, queria parar de sorrir e agora, oh, uau, está a olhar outra vez para mim e sorri. A minha cara começa a ferver.

Tento concentrar-me na mãe e na Jude. Estão a falar da bíblia tresloucada da avó. Outra vez. A mãe comenta que é uma enciclopédia de crenças fora do comum. Que a avó recolhia ideias de todo o lado, de toda a gente, e até deixava a bíblia aberta no balcão da loja de vestidos, ao lado da caixa registadora, para os clientes escreverem as suas tretas tresloucadas.

— Diz na última página que, se a avó morrer, a bíblia fica para ti — explica a mãe à Jude.

— Para mim? — pergunta ela, olhando presunçosamente na minha direção. — Só para mim?

Está toda contente. Quero lá saber da bíblia. A mãe continua:

— E cito: «Deixo este livro à minha neta, Jude Sweetwine, a última a possuir o Dom dos Sweetwine.»

Vomito um líquido verde-claro para cima da mesa.

A avó Sweetwine decidiu que a Jude tinha o Dom da Intuição dos Sweetwine quando descobriu que ela conseguia dobrar a língua como uma flor.

Tínhamos quatro anos. A Jude passou dias comigo em frente ao espelho, a carregar-me na língua com o dedo, repetidamente, para me ensinar a dobrar a língua da mesma forma e poder ter o Dom dos Sweetwine. Mas não serviu de nada. A minha língua rodava e enrolava-se, mas não como uma flor.

Olho para a mesa das lontras. Estão prestes a ir embora. O Cara de Lua Que Pisca o Olho põe a mochila ao ombro e diz-me adeus movendo apenas os lábios.

Engulo em seco e olho para o chão e irrompo em chamas.

Depois começo a desenhá-lo de memória.

Quando reparo outra vez no que se passa em meu redor, a mãe diz à Jude que, ao contrário da avó Sweetwine, ela assombrar-nos-ia extravagantemente e sem interrupção; não faria só visitas rápidas a carros.

— Seria o tipo de fantasma que se mete em tudo — diz ela, soltando uma das suas gargalhadas estremecedoras e rodando as mãos. — Sou demasiado controladora. Nunca mais se livravam de mim! Nunca! — exclama ela entre ah-ah-ahs.

O que é estranho é de repente parecer estar no meio de uma tempestade de vento. O cabelo esvoaça-lhe e o vestido parece ondular levemente. Espreito para debaixo da mesa, procurando uma conduta de ar ou algo do género, mas não vejo nada. Estão a ver? As outras mães não têm o seu próprio estado do tempo. A mãe olha para nós e sorri com tanta ternura que sinto um aperto no peito.

Fecho os estores enquanto elas falam sobre que tipo de fantasma a mãe seria. Se a mãe morresse, o Sol apagava-se. Ponto final.

Penso no que aconteceu hoje.

Em ter andado de quadro em quadro pedindo-lhes que me comessem; e comeram.

Em como senti que a pele me servia o dia todo, e nunca me pen-deu dos tornozelos ou me apertou na cabeça.

O som da mãe a bater levemente na mesa para anunciar algo faz-me prestar atenção ao mundo.

— Vá, deixem-me ver os vossos cadernos — pede ela, entusias-mada.

Pintei a pastel quatro reproduções de quadros da coleção perma-nente do museu: um de Chagall, um de Franz Marc e dois de Picasso. Escolhi-os porque os quadros me fitaram tão intensamente como eu os fitei. A mãe disse-nos que não queria reproduções iguais. Não os copiei. Agitei os originais na cabeça e deixei-os sair cobertos de mim.

— Quero mostrar os meus primeiro — digo, empurrando o caderno para as mãos da mãe.

Desta vez, o revirar de olhos da Jude é um 7,2 na escala de Rich-ter. Não quero saber; não consigo conter-me. Aconteceu algo hoje enquanto desenhava. Acho que os meus olhos foram substituídos por um par melhor. Quero que a mãe repare.

Vejo-a a folhear o caderno lentamente; põe os óculos de avozinha que lhe pendem do pescoço e olha novamente para os desenhos; *e volta a olhar*. A certa altura, fita-me como se eu me tivesse trans-formado numa toupeira-nariz-de-estrela e volta a fitar os desenhos.

O som ambiente do café: o vibrar da máquina, o tilintar dos copos e pratos silencia-se enquanto vejo o indicador da mãe a passar pelas páginas. Vejo pelos olhos dela: os desenhos são bons. Sinto-me como um foguetão. Vou mesmo entrar na EBAC! E ainda tenho um ano inteiro para garantir que entro. Já pedi ao professor Grady, que ensina educação visual, para me ensinar a pintar a óleo e ele aceitou. Quando a mãe parece estar prestes a acabar, volta ao primeiro desenho e recomeça a olhar para os pastéis. Não consegue parar! O seu rosto está tão feliz. Oh, estou nas nuvens.

Até começar a ser bombardeado. Um ataque aéreo psíquico lançado pela Jude. (RETRATO: *Podre de Inveja*) Pele: esverdeada. Cabelo: branco. Olhos: brancos. Podre. Vejo-a abrir um pacote de açúcar e os grãos caem na mesa; depois pousa o dedo nos cristais

e encosta-o à capa do caderno. É um dos conselhos da treta que estão escritos na bíblia da avó. Sinto um aperto no estômago. Devia tirar o caderno à mãe, mas não o faço. Não consigo.

Sempre que a avó S. nos lia a sina, dizia-nos que tínhamos inveja suficiente nas linhas da mão para arruinarmos a vida dez vezes. E tinha razão. Quando me desenho e à Jude com a pele transparente temos sempre cascavéis na barriga. Só tenho algumas. A última vez que contei, a Jude tinha dezassete.

A mãe fecha finalmente o caderno e devolve-mo.

— Isto do concurso é uma estupidez — diz ela. — E que tal passarmos os sábados do próximo ano a apreciar arte e a aprender? Que tal?

Di-lo antes sequer de abrir o caderno da Jude.

Depois pega na chávena de chocolate quente, mas não o bebe.

— São incríveis — declara ela, mexendo lentamente a cabeça. Será que se esqueceu completamente dos desenhos da Jude? — Tens a sensibilidade de Chagall e usas a cor como Gauguin, mas tens um estilo completamente único. E és tão novo. É extraordinário, Noah. Extraordinário...

(AUTORRETRATO: *Rapaz Mergulha num Lago de Luz*)

— A sério? — sussurro.

— A sério — responde ela com um ar sério. — Estou estupefacta.

Algo mudou na sua expressão; é como se uma cortina se tivesse aberto. Olho para a Jude pelo canto do olho. Vejo-a encolhida num canto de si mesma, como eu, em caso de emergência. Há um espaço interior em mim onde ninguém entra, aconteça o que acontecer. Não fazia ideia de que a Jude também tinha um.

A mãe não repara. Normalmente repara em tudo. Mas está sentada à nossa frente a não repara em nada, como se sonhasse.

Desperta finalmente, mas é demasiado tarde.

— Jude, querida, mostra-me o teu caderno; mal posso esperar para ver o que desenhaste.

— Não é preciso — responde ela na sua voz trémula. Já enfiou o caderno no fundo da mala.

Eu e a Jude temos vários jogos. O preferido dela chama-se *Como Preferias Morrer?* (a Jude preferia congelar e eu arder) e o *Jogo do*

*Afogar.* O *Jogo do Afogar* é assim: se a mãe e o pai se estivessem a afogar, quem salvavas primeiro? (Eu salvava a mãe, claro. A Jude... depende de como se sentisse.) E há outra versão: se nos estivéssemos a afogar, quem é que o pai salvava primeiro? (A Jude.) Durante treze anos não fizemos ideia de quem a mãe tiraria primeiro do mar.

Até hoje.

E, sem sequer nos entreolharmos, sabemos ambos.